

FICHA TÉCNICA

Título original: *Anna. En fabel om klodens klima og miljø*

Autor: *Jostein Gaarder*

Copyright © 2013 H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard) AS, Oslo

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *João Cardoso*

Revisão: *José João Leiria/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2017

Depósito legal n.º 418 085/16

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O passeio de trenó

Tão longe quanto se conseguisse recordar, as famílias da sua aldeia tinham a tradição de subir a encosta de trenó, a caminho das fazendas de pastagem da montanha, na noite de 31 de dezembro. Os cavalos eram aparelhados e ornamentados para a chegada do novo ano. Para alumiar a escuridão, penduravam-se nos trenós sinos e tochas. Em anos anteriores, fora inclusivamente necessário recorrer a um limpa-neves para que os cavalos não ficassem atolados na neve macia. Em todas aquelas noites de São Silvestre, habituara-se a subir à montanha, não a esquiar ou recorrendo a motoneves, mas em trenós puxados por cavalos. O Natal é, por definição, mágico. E a subida à montanha, um verdadeiro conto de fadas.

Tudo era diferente na noite de Ano Novo. Crianças e adultos envolvidos num enorme caos que, uma vez por ano, era mais do que uma simples reunião familiar. Numa só noite, dizia-se adeus ao ano velho e entrava-se num outro, novinho a estrear. Atravessava-se a fronteira invisível que separa aquilo que tinha acontecido daquilo que viria a suceder. *Feliz Ano Novo!... E obrigado por tudo, neste que agora terminou!*

Ana adorava estas passagens de ano na montanha, e nem saberia dizer se o que mais lhe agradava era a parte da subida, aproveitando os últimos pozinhos do ano velho; ou o caminho de regresso à aldeia, a descida que simbolizava a entrada

no novo ano, bem embrulhada numa manta de lã e apertada no calor dos braços dos pais, ou de algum vizinho.

Porém, na última noite do ano em que completara dez anos de idade, não tinha nevado. Nem no planalto, nem cá em baixo, na aldeia da planície. O gelo cobrira toda a paisagem havia muito tempo. No entanto, à exceção de pontuais montículos aqui e ali, não havia nenhum sinal de neve na montanha. Sem o seu costumeiro manto branco, o imponente pico surgia então envergonhadamente despido.

Os adultos cochichavam sobre o «aquecimento global» ou as «alterações climáticas», enquanto Ana registava todas aquelas novas expressões. Pela primeira vez na vida, pressentia que o mundo não estava bem.

Como o passeio à montanha era uma tradição incontornável das comemorações de final de ano, dessa vez deslocaram-se da única forma possível: de trator. Além disso, o percurso teve de ser realizado de dia, pois, com a ausência da neve, a noite tornar-se-ia tão escura que não se veria um palmo diante do nariz. Nem as tochas serviriam de muito — e um trator com tochas penduradas talvez ficasse um tanto ridículo.

Nessa manhã, bem cedo, cinco tratores foram subindo, a caminho da montanha, à velocidade de um caracol. Carregados com comida e bebidas, atravessaram lentamente os bosques de vidoeiros. Com ou sem neve, o mais importante era dar as boas-vindas ao Ano Novo e divertirem-se bastante nas pastagens geladas.

Naquele Natal, não se falou apenas da falta de neve. Durante os festejos, foram vistas renas selvagens nas imediações das fazendas. A brincar, dizia-se que o Pai Natal se havia esquecido de algumas enquanto distribuía os presentes.

Ana ficara aterrada e inquieta. As renas nunca tinham descido até às aldeias. Numa das fazendas, tinham tentado dar

comida a uma delas, que se encontrava bastante amedrontada. Foi publicada na imprensa uma fotografia do sucedido: «Renas selvagens aproximam-se das aldeias do alto»...

Nesse derradeiro dia do ano, o cortejo de tratores subia, então, a encosta. No primeiro reboque viajavam Ana e um grupo de outras crianças. Quanto mais andavam, mais a paisagem se lhes apresentava vitrificada — devia ter chovido muito, para que o frio tivesse conseguido congelar toda aquela água.

Os condutores aperceberam-se da carcaça de um animal na berma e detiveram os tratores. Tratava-se de uma rena cujo corpo estava já enrijecido pelo frio. Morreu por falta de alimento, esclareceu um dos homens.

Ana não percebera de imediato. Porém, ao chegar ao alto da montanha, constatou uma paisagem completamente congelada. De tal modo, que não era sequer possível arrancar uma folha de árvore ou uma pedra do chão.

Ao passarem pelo lago Brea, os cinco tratores estacaram novamente e foram desligados os motores. Depois de confirmarem que a superfície congelada do lago era segura, adultos e crianças precipitaram-se para o gelo transparente. A alegria contagiou-os, ao darem com uma truta a nadar sob a camada de gelo.

Foram aos tratores buscar bolas, tacos de hóquei e trenós pequeninos. Ana, por seu turno, resolveu caminhar pela margem a observar as urzes. Debaixo de uma finíssima superfície gelada, conseguia vislumbrar o musgo e os líquenes, as camarinheiras-negras e as uvas-de-urso dos Alpes com folhagens de um vermelho forte. Era um cenário fabuloso, quase como se Ana tivesse acabado de chegar a um mundo mais rico e diversificado do que o seu. De repente,

um rato morto... e outro. Mais à frente, por baixo de um pequeno vidoeiro, o cadáver de um lemingue. Compreendeu, subitamente, que tudo o que antes vira como um conto de fadas havia desaparecido. Ela tinha conhecimento de que os ratos e os lemingues passavam o inverno na montanha, no meio dos arbustos e da neve fofa. No entanto, sem essa neve, a sua sobrevivência tornava-se complicada.

Ana compreendera, então, por que razão as renas selvagens tinham descido até à planície. E não tinha nada que ver com o Pai Natal.